

EDITORIAL



Após 20 meses de reformas estruturais, a boa notícia é a inauguração da exposição de longa duração “No caminho da miçanga – um mundo que se faz de contas”, marcando, assim, a reabertura do principal espaço expositivo da instituição. No dia 21 de setembro, a Diretora Geral da UNESCO, Irina Bokova, e o Ministro da Cultura, Juca Ferreira, vieram conhecer de perto a mostra sobre essas preciosas contas coloridas.

Boa leitura.

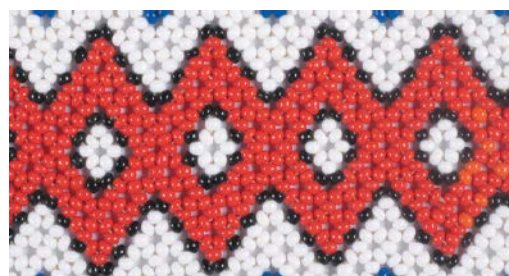
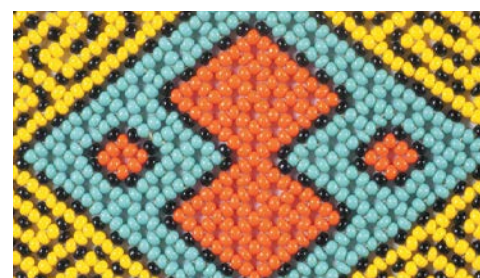
Comunicação Social do Museu do Índio

ENTREVISTA

Novo Presidente da FUNAI fala sobre preconceito e patrimônio cultural (página 3)

1- Etnia Ye'kuana
2,3,4 e 5- Etnia Kaxinawa
6- Etnia Krahô

Museu do Índio apresenta nova exposição sobre miçanga com instalações multimídias interativas para os visitantes



Nova exposição de longa duração do Museu do Índio: “No caminho da miçanga

– um mundo que se faz de contas”

O Museu do Índio apresenta a sua nova exposição de longa duração “No caminho da miçanga – um mundo que se faz de contas” sob curadoria da antropóloga Els Lagrou e coordenação de design/cênica e expografia de Simone Melo. São 700 peças e 20 filmes de 24 etnias do Brasil, além de 18 da África, da Ásia e das Américas, em sete ambiente – Viagem, Mito, Encontro, Troca, Brilho, Ritual, Encanto e Mergulho –, com instalações multimídias interativas. A exposição marca a reabertura do principal espaço expositivo do Museu do Índio, após a realização de reformas estruturais no prédio.

UM CAMINHO QUE SE FAZ DE CONTAS – AMÉRICAS, ÁFRICA E ÁSIA

A exposição aborda o tema miçanga com suas histórias de fascínio mútuo entre povos distintos que falam do comércio e da exploração, do encontro e do desencontro de perspectivas entre viajantes e nativos. Para a curadora Els Lagrou, “enquanto o colonizador julgava estar trocando quinquilharias contra preciosas matérias primas, a maioria dos povos nativos desejava muito essas contas, vindas do ultramar. Apesar de fazerem suas próprias contas, às vezes muito parecidas com as estrangeiras, as contas de vidro eram novidades, preciosidades exóticas.” A exposição reflete sobre os variados sentidos que o exotismo pode assumir, assim como sobre as possíveis relações com o Outro e os seus enfeites. Aponta para a discussão dos conceitos de diversidade e de tolerância. Procura mostrar, ainda, a importância da cultura material para os diferentes povos de todos os continentes. Nesse caso, destaque para essa preciosa matéria prima apropriada por

quase todas as culturas – a miçanga. Objeto que inspira e faz construir novas relações com o Outro. Contas de vidro que exercem fascínio desde a Antiguidade até os dias de hoje.

Miçanga é derivada de masanga, palavra de origem africana, que significa “contas de

beres, assim como na produção de imagens sobre técnicas de trabalho com miçangas. Para Bruna Seixas, Chefe do Serviço de Atividades Culturais do Museu do Índio, “não podemos falar de miçangas sem reconhecer as maiores detentoras do conhecimento sobre o



vidro miúdas”. Com estas miudezas, povos do mundo inteiro, do Norte ao Sul, do Oriente ao Ocidente, produzem impressionantes obras de arte. Mais do que um objeto ou um conceito, a miçanga é pura relação: sua definição se faz no encontro entre mundos distantes.

Muitos povos diferentes são fascinados por essas continhas de vidro coloridas, desde a Antiguidade até os dias de hoje. “Os povos indígenas fazem com elas seus colares e enfeites não por as acharem mais interessantes do que as sementes naturais. Não é uma perda, mas um ganho. O que vem de fora, no pensamento desses povos, tem um valor diferenciado. O que vem de fora inspira e faz construir novas relações, novos padrões de beleza e abre novas possibilidades.”, explica a antropóloga Arilza de Almeida.

Diferentes povos indígenas participaram da confecção dos objetos exibidos nessa mostra por meio de oficinas de transmissão de sa-

seu manuseio: as mulheres indígenas, exímias artesãs dessa arte complexa e fascinante, que com as mãos tecem verdadeiras obras primas, registros fundamentais da história e cosmologia de seus povos.” Representantes femininas das etnias Guarani, Ye’Kuana, Marubo, Karajá, Krahô, Kayapó, Maxacali e Kaxinawá são autoras de grande parte das peças dessa exposição. “No caminho da miçanga – um mundo que se faz de contas” conta com o apoio da UNESCO e do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia – IFCS da UFRJ.

EXPOSIÇÃO

“No caminho da miçanga – um mundo que se faz de contas”

HORÁRIO DE VISITAÇÃO:

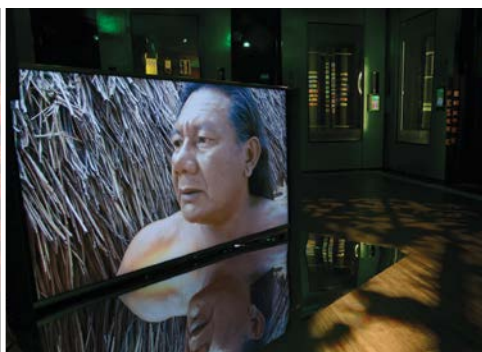
de terça a sexta, das 9 às 17h30min.; sábados, domingos e feriados, das 13 às 17 horas. Grátis.



Museu do Índio

Rua das Palmeiras 55 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ
www.museudoindio.gov.br

Utilize um leitor QR Code ou acesse:
<https://youtu.be/QW9KCbBI5O8>



“A FUNAI, COMO UMA INSTITUIÇÃO HISTÓRICA E PROTAGONISTA, PRECISA SE APROXIMAR DA SOCIEDADE CIVIL, DOS INTELLECTUAIS E DE OUTROS AGENTES PARA CONSTRUIR UMA ARTICULAÇÃO POLÍTICA E FAZER O DEBATE PARA ENFRENTAR ESSE MOMENTO TÃO PRECONCEITUOSO NOS NOSSOS DIAS.”

João Pedro Gonçalves da Costa, 63, assumiu a Presidência da Fundação Nacional do Índio-Funai no dia 17 de junho deste ano. Desde a posse, já participou de eventos e de encontros com parlamentares, líderes indígenas e não indígenas na Conferência de Política Indigenista. Em seus discursos, sempre reafirma o compromisso de trabalhar para garantir os direitos constitucionais dos povos indígenas.

MV: A FUNAI, por meio do Museu do Índio, tem desenvolvido projetos a fim de atender ao apelo dos povos indígenas interessados em resgatar, documentar, registrar e promover seus conhecimentos, suas culturas e suas práticas tradicionais. A ONU avalia a salvaguarda do patrimônio cultural indígena como um movimento fundamental diante das intensas mudanças vivenciadas por esses povos. Quais são seus planos nessa área?

JP: Nestes poucos dias de Funai, na função de presidente da Fundação, estive algumas vezes no Museu do Índio. É um espaço da Funai, da sociedade brasileira, dos povos indígenas, que tem um papel estratégico no sentido de aprofundar e ampliar as documentações, preservar as línguas, enfim, a cultura indígena no Brasil. O Museu tem um acervo significativo, e o considero um dos principais espaços da memória dos povos indígenas do nosso País. A nossa gestão vai trabalhar no sentido de ampliar políticas do Museu para outras localidades do nosso País. Pretendemos editar livros e trabalhar tanto com os povos indígenas da Amazô-

nia, como do Nordeste brasileiro. Considero muito importante esse trabalho e o Museu precisa ganhar mais visibilidade. Ele é histórico, então precisa ser conhecido pela sociedade brasileira, e continuar merecendo o nosso respeito e admiração.

MV: Percebemos, nos noticiários diários, que o preconceito contra os índios está passando por uma fase de recrudescimento. Ainda impera no País uma visão de progresso segundo a qual tudo o que impede o seu avanço deve ser destruído. Como a FUNAI pode colaborar para a promoção do diálogo respeitoso entre a sociedade nacional e os povos indígenas?



Presidente da FUNAI e o Cacique Akjabdro Kayapó no Museu do Índio

JP: A sociedade brasileira precisa conhecer mais os povos indígenas, a história, a riqueza, as culturas, as artes. O museu está atualmente com uma exposição muito bonita, esteticamente é uma das mais bonitas que já vi no Brasil. A exposição trabalha com os significados das miçangas para o europeu, os brancos e os povos indígenas, e ela pode se tornar itinerante e andar pelo Brasil. Esse é um trabalho exemplar do museu. Manter suas portas abertas ao público é muito importante.

MV: O senhor tem demonstrado preocupação em relação a situação estrutural da FUNAI. O órgão tem perdido espaço e autonomia frente a outras instituições governamentais. Que ações os funcionários da Fundação podem esperar na sua gestão para que os trabalhos sejam retomados de maneira mais efetiva na defesa dos direitos dos povos indígenas?

JP: A Funai, como uma instituição histórica e protagonista, precisa se aproximar da sociedade civil, dos intelectuais e de outros agentes para construir uma articulação política e fazer o debate para enfrentar esse momento tão preconceituoso nos nossos dias. Precisamos enfrentar o debate dentro do Congresso Nacional, por conta das PECs que tentam provocar retrocessos nos avanços, principalmente os conquistados com a Constituição de 1988. Também travar um debate forte no âmbito do Judiciário sobre os marcos legais constitucionais dos direitos dos povos indígenas. Estamos vivendo um momento muito rico dentro da Funai e com os povos indígenas, fazendo o debate da construção da política indigenista no Brasil. Em dezembro, iremos concluir esse processo da primeira Conferência de Política Indigenista no nosso País. Isso está provocando uma reflexão e a tirada de encaminhamentos para aprofundar o trabalho, por exemplo, com o Ministério da Cultura. A criação do Conselho Nacional de Política Indigenista é muito importante. Discutir, além do MinC, com outros Ministérios para melhorarmos e aprofundarmos as políticas públicas. Penso que, na medida que temos 13% do território nacional, precisamos de uma política forte de etnodesenvolvimento junto às terras indígenas. Ou seja, temos um desafio grande. Precisamos nesse debate da Conferência construirmos, melhorarmos e avançarmos em políticas públicas para que os povos indígenas possam viver com mais dignidade e qualidade de vida.

Nascido em Parintins (AM), João Pedro Gonçalves da Costa foi vereador, deputado estadual e senador da República.

Unesco e Ministério da Cultura no Museu do Índio

A Diretora-Geral da UNESCO, Irina Bokova, esteve no Museu do Índio para entregar novos produtos do Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas – PROGDOD a representantes de cinco etnias brasileiras: Paresi, Karajá, Enawene Nawê, Maxakali e Kayapó. A cerimônia contou também com as presenças do Ministro da Cultura, Juca Ferreira, e do Presidente da Funai, João Pedro Gonçalves da Costa.

Irina Bokova aproveitou a ocasião para elogiar o trabalho do Museu do Índio,



Diretora-Geral da Unesco e Ministro da Cultura (ao centro) em visita ao Museu do Índio

em especial o PROGDOD, criado em 2008, em parceria com a UNESCO. Ela destacou a importância da ação, não só para a proteção da diversidade cultural do Brasil, como também para promover a inclusão social.

Durante a visita, as autoridades, acompanhadas pelo Diretor do Museu do Índio, José Carlos Levinho e pelo Cacique Akijaboro Kayapó, conheceram a exposição “No Caminho da Miçanga – um mundo que se faz de contas”, em cartaz no casarão principal da instituição.

Atendimento a escolas e instituições

O Serviço de Atividades Culturais do Museu do Índio – SEAC empresta às escolas públicas e particulares materiais didáticos com temática indígena para uso em sala de aula. Instituições podem solicitar conjuntos de objetos e de fotografias das etnias Ashaninka, Karajá, Maxakali e Guarani, entre outras. A iniciativa representa uma importante ferramenta de apoio ao cumprimento da Lei 11.645, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígenas. Por meio do SEAC, as escolas também

podem agendar visitas ao museu. O atendimento foi idealizado visando criar uma agenda para organizar a visitação. Dessa forma, é possível garantir um melhor aproveitamento de cada grupo ao conteúdo das exposições. Além disso, o serviço também organiza mostras para apresentação em outros espaços, a partir de exposições que já estiveram em cartaz no Museu do Índio. Contato com a equipe do SEAC pelo

email emprestimo.mi@gmail.com ou pelo telefone (21) 3214 8730.

